



Manoela Mello

**Bruno Garcia vive o vilão Manoel, um homem rude em *Os outros***

Manoela Mello

**Já Caio é um cara comum, com erros e acertos, em *Juntas & Separadas***

Também no Globoplay, Bruno Garcia compõe o elenco da série *Juntas & Separadas*, que, apesar de ter uma temática mais leve — o universo feminino após os 40 anos —, traz personagens como Caio, um retrato do homem machista urbano: bom pai, péssimo marido. “O Caio é aquele homem hetero, tóxico, que não se conforma com a separação, que acha que pode controlar o destino da mulher, que oprime no sentido do patriarcado, mesmo estando na camada do passivo-agressivo, é daí que nasce a violência”, contou, à época do lançamento da produção. “A minha identificação com ele é zero. Eu tive uma formação oposta, sou completamente da causa, sou feminista — se é possível dizer isso”, acrescentou.

Entusiasmo

Em cena em *Os outros*, um dos grandes parceiros dessa nova fase é Lázaro Ramos, com quem já havia trabalhado em outros momentos da carreira, como na série cômica *Sexo frágil?*. Retomar essa parceria em um registro dramático trouxe, segundo ele, um prazer especial. O ambiente de trabalho se tornou

leve, quase lúdico — ainda que as histórias fossem densas. “Interpretar já é um ato contundente, porque você se expõe com seu corpo, sua alma, suas emoções. É suficientemente dolorido para que a gente não busque prazer nele”, defende ele, que tem no currículo trabalhos como os filmes “para rir” *O Auto da Compadecida*, *Lisbela e o prisioneiro*, *Saneamento básico*, o filme e na franquia de comédia *De pernas pro ar*. Além disso, atuou em novelas como *Felicidade*, *Coração de estudante*, *Pé na jaca* e *Sangue bom* — além de participar da dança dos famosos, em 2023.

Essa leveza fora das câmeras contrasta com a gravidade dos temas que atravessam sua visão sobre o audiovisual brasileiro. Para Garcia, o país vive um momento paradoxal: nunca foi tão reconhecido internacionalmente e, ao mesmo tempo, nunca pareceu tão vulnerável estruturalmente. Ele cita o impacto recente de produções nacionais no exterior e o prestígio conquistado por nomes como Wagner Moura e Fernanda Torres, lembrando que obras como *O agente secreto* e *Ainda estou aqui*, indicadas ao Oscar, ajudaram a recolocar o cinema brasileiro no radar global.

Mas o entusiasmo vem acompanhado de alerta. Para o ator, o país ainda precisa consolidar sua cadeia produtiva e proteger sua autonomia criativa diante das grandes plataformas internacionais. O risco, segundo ele, é a padronização estética — histórias moldadas por fórmulas comerciais que sufocam a ousadia narrativa. “Dramaturgia é arte. É um lugar para a sociedade conversar consigo mesma”, argumenta.

Não por acaso, o futuro que ele projeta passa tanto pela atuação quanto pela direção. Entre projetos ainda mantidos em sigilo, um ganha destaque especial: um monólogo autoral que finalmente sairá do papel, acompanhado de uma experiência que ele prefere chamar de “conversa espetáculo”. Nela, pretende compartilhar sua trajetória de mais de quatro décadas — desde a infância nos palcos até as descobertas acumuladas pela observação dos mestres que encontrou pelo caminho.

Sem formação acadêmica formal, o sagitariano construiu sua própria cartografia de aprendizado. Aprendeu olhando, escutando, errando e recomeçando — como se cada personagem fosse um laboratório vivo. É essa experiência que agora deseja dividir com jovens artistas, não como método fechado, mas como trilha aberta.